REDE – Revista Diálogos em Educação
ISSN 2675-5742, v. 4, n. 2, julho-dezembro 2023

METODOLOGIAS ARQUEOLÓGICAS PARA O PESQUIS-A-DOR SOCIAL

ARCHAEOLOGICAL METHODOLOGIES FOR SOCIAL RESEARCHERS

METODOLOGÍAS ARQUEOLÓGICAS PARA EL 'PESQUIS-A-DOR' SOCIAL

Rubens Lacerda de Sá[1]

Recebido em: 11 jul. 2023

Aceito em: 19 ago. 2023

Resumo: Considerando a relevância de propostas metodológicas que facultem o protagonismo de nossos fenômenos de pesquisa, trago à baila uma plataforma cujo objetivo é pensar em possibilidades epistemológicas que sejam éticas e ontologicamente orientadas. Para tanto, a partir dos pressupostos da arqueologia foucaultiana, apresento o percurso histórico e filosófico que alicerça minha proposta. Os trabalhos de cientistas sociais como Glaser e Strauss (1967), Malinowski (1978), Brandão e Streck (2006), Charmaz (2009), Foucault (2008, 2021), Sá (2019, 2020, 2021b, 2023b) e outros, compõem o arcabouço teórico que embasa a discussão apresentada neste ensaio. Meu desejo é que as discussões ensejadas neste texto contribuam para o debate sobre a plataforma apresentada e para os fins que ela se propõe, a saber, assegurar a ação profilática, curativa ou paliativa de nossas dores na pesquisa social.
Palavras-chaves: Metodologias arqueológicas. Pesquisa social. Fenômeno científico.

Abstract: Taking the relevance of methodological proposals that forward the protagonism of our research phenomena into account, I bring up a platform whose objective is to think about epistemological possibilities that are ethically and ontologically oriented. To this end, based on the assumptions of the Foucaultian archeology, I present the historical and philosophical pathway that underpins my proposal. The researches of social scientists such as Glaser and Strauss (1967), Malinowski (1978), Brandão and Streck (2006), Charmaz (2009), Foucault (2008, 2021), Sá (2019, 2020, 2021b, 2023b) and others, provide the theoretical framework for the support of the discussion presented in this essay. My aspiration is that the argumentation provided in this text contribute to the debate about the presented platform and the purposes it proposes, namely, to ensure the prophylactic, curative or palliative action of our pains in social research.
Keywords: Archaeological methodologies. Social research. Scientific phenomenon.

Resumen: Deteniéndome en la pertinencia de propuestas metodológicas que faciliten el protagonismo de nuestros fenómenos de investigación, planteo una plataforma cuyo objetivo es pensar posibilidades epistemológicas orientadas ética y ontologicamente. Para ello, a partir de los presupuestos de la arqueología foucaultiana, presento el recorrido histórico y filosófico que sustenta mi propuesta. Los trabajos de científicos sociales como Glaser y Strauss (1967), Malinowski (1978), Brandão y Streck (2006), Charmaz (2009), Foucault (2008, 2021), Sá (2019, 2020, 2021b, 2023b) y otros, conforman el marco teórico que sustenta la discusión presentada en este ensayo. Mi apetencia es que las discusiones bosquejadas en este texto contribuyan al debate sobre la plataforma presentada y los fines a que ella propone, a saber, asegurar la acción profiláctica, curativa o paliativa de nuestros dolores en la investigación social.
Palabras clave: Metodologías arqueológicas. Investigación social. Fenómeno científico.

[1] PhD Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisador do Educational Research Centre, Hamk University of Applied Sciences, Finlândia (HAMK). Docente, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Erasmus+. E-mail rubens.sa@unifesp.br · Orcid https://orcid.org/0000-0003-2555-0079 · Site https://www.rubens.pro.br/

1. Comecemos pelo final do título

Umuntu ngumuntu nagabantu significa:
Uma pessoa é uma pessoa por causa de outras pessoas.

— Língua Zulu

Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas,
mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.

— Carl Jung, 1928

As epígrafes que uso[2] para abrir este texto foram propositalmente escolhidas porque elas dão o tom para a temática que pretendo abordar, *i.e.* vou falar de pessoas!

Ainda que a primeira parte do título anuncie metodologias como o teor a ser abordado, essas são pensadas para o pesquis-a-dor[3] social. Em outros textos (Sá, 2016a; 2017; 2020; 2023b), indiquei que o fazer científico demanda que o cientista seja criativo, que a pesquisa seja marcada por diferentes ciclos, que o ritmo da pesquisa seja particularizado para atender as demandas dos que estão envolvidos nela, que não seja perdida de vista a dimensão social e política da investigação e, por fim, que o mundo seja pensado holística e criticamente[4] a partir da realidade social que tece a sociedade contemporânea (Severino, 2008; Minayo, 2010).

Por conseguinte, a grafia pesquis-a-dor social é intencional porque enfatiza o papel do cientista que se sensibiliza com a dor alheia na tessitura social. Assim, ele agirá de maneira "profilática, curativa ou até paliativamente, mas nunca esperando para a atuação *post mortem* do objeto, do fenômeno sob suas lentes e custódia" (Sá, 2020, p. 21). Por fim, resumo a ideia em torno desse cientista, pesquis-a-dor social:

> Diante disto, assento que a partir de uma inquietação — um incômodo, o pesquis-a-dor social é movido a investigar de forma cíclica, constante, minuciosa, crítica e sistemática uma dada realidade, um cenário ou um fenômeno social que é sempre complexo em sua natureza. Sua função é empenhar-se pela equidade, pelo bem-estar dos atores envolvidos em sua investigação e pela promoção de justiça social. Deve sempre levar em consideração a dimensão e o aporte histórico, cultural, social, geopolítico e tantos outros que se relacionam com seu objeto de pesquisa. Encaro como primordial que este, insistentemente, seja pautado por convicções ontológicas,

[2] Epistemologicamente opto por redigir este texto na primeira pessoa do singular, pois quaisquer proposições para a concepção de conhecimento são construídas de modo subjetivo e são ontologicamente orientadas (Sá, 2021a).
[3] Contemplo todas as subjetividades e identidades, embora adote o masculino genérico na redação deste texto.
[4] Por crítico entendo que não se trata apenas de uma tentativa de descrever ou explicar a realidade social. Antes, adiro à proposta da Escola de Frankfurt e da plataforma foucaultiana que ressaltam a necessidade do movimento de trazer à superfície as ontologias com o fito de antagonizar essa realidade. Por fim, essa dinâmica propiciará, em alinhamento com a perspectiva marxista e freireana, que se desenhem possibilidades de calibragem, mudanças e transformação dessa realidade para o benefício e promoção de justiça aos que a terra condena (Fanon, 1961).

> antropológicas, epistemológicas, filosóficas, axiológicas e metodológicas — e as encaro nessa ordem!. Após sua exaustiva empreitada na investigação científica, devolve à sociedade os resultados práticos bem como os benefícios *ad aequitas*, ou a rota para eles, advindos dessa pesquisa. Fecha então um ciclo ou projeto, a sabendas de que seu derradeiro propósito está atrelado ao próprio termo que proponho, *i.e.* pesquis-a-dor social, que independe de explicitações adicionais, pois é autocontido (Sá, 2020, p. 22).

A única ideia que ajustaria nessa citação é a ordem em que "as convicções […] metodológicas" aparecem. Convergindo com o propósito deste texto e com minhas vivências mais recentes em pesquisa, percebo que a metodologia deve preceder todo o processo investigativo. Isso se harmoniza com a recomendação dada por Carl Jung e pelo ditado popular na língua zulu nas epígrafes que abrem este manuscrito. Em outros termos, quero dizer que para priorizar pessoas em nossas pesquisas precisamos ser cuidadosos ao pensar nos caminhos que percorreremos para acessar as dores sociais. Conversemos um pouco mais sobre metodologias.

2. Percurso metodológico abrangente

Reafirmo minha convicção de que toda pesquisa, especialmente as socialmente orientadas, precisa começar pelo desenho metodológico. Reconheço que o modelo hegemônico euro-eua-norte-centrado envida esforços para impedir e invalidar esse tipo propositura de pesquisas (Dussel, 1993; Lander; Castro-Gómez, 2005; Maldonado-Torres, 2008; D'Souza, 2010). Entretanto, entendo que ao iniciar a pesquisa pela metodologia e, por conseguinte, por meio do acesso ao campo[5], é viabilizado o protagonismo dos dados acessados e, portanto, das pessoas (Cameron, 1992).

Logo, pensando em desenho metodológico[6], minha compreensão é a de que ele precisa contemplar algumas etapas preliminares. É fundamental que o pesquis-a-dor social entenda com clareza qual é o fenômeno, ou a dor, que o motiva e pretende investigar. Precisa situar de modo claro o contexto em que esse fenômeno se insere, a relevância de sua pesquisa para todos os participantes envolvidos, quais os objetivos profiláticos, curativos ou mesmo paliativos da investigação, que perguntas ele almeja responder ou quais os pressupostos que pretende confirmar ou refutar e por quais razões. Esse pesquis-a-dor social procura antever possíveis resultados e impactos presentes e futuros para sua proposta investigativa. Por fim, em muitos

[5] Por campo, refiro-me aos dados coletados a partir de diferentes tipos e formatos de documentos ou àqueles gerados com base na interação com os participantes envolvidos na pesquisa.
[6] Esse desenho metodológico é uma resenha de Denzin e Lincoln, 2006; Flick, 2009; Sampieri *et al*., 2013 e etc.

casos, é importante que se resenhe um estado da arte[7] ou um panorama, que seja o mais abrangente possível, acerca do conhecimento já produzido sobre o fenômeno em tela com o fito de identificar lacunas ou ampliar a compreensão e o debate sobre o tema.

Vencidas essas etapas iniciais, o pesquis-a-dor pode começar a pensar em um desenho metodológico que o orientará ao longo de seu pesquisar. Ressalto que não há um modelo ou moldura metodológica única, que seja capaz de contemplar todos os cenários. Cada pesquisa tem suas peculiaridades e o desenho metodológico deve ser capaz de possibilitar que o investigador alcance os objetivos propostos sendo necessário, em alguns casos, que esse desenho contemple múltiplas configurações.

De partida é importante ressaltar na formatação desse desenho metodológico, ou seja, qual a natureza, básica ou aplicada, da pesquisa. Em seguida, é preciso pensar na abordagem, que pode ser quantitativa, qualitativa ou mista e que melhor contemplará o fenômeno e os objetivos da pesquisa. Igualmente relevante é definir minimamente quais são os propósitos do desenho que se formata; é preciso saber se a pesquisa será exploratória, descritiva ou explicativa para, então, decidir quais os melhores procedimentos a serem adotados em alinhamento com esses objetivos. Por exemplo, se a pesquisa for exploratória é possível adotar a pesquisa bibliográfica, documental ou estatística como procedimento. Se for descritiva, pode-se adotar como possibilidade a pesquisa experimental, histórica ou *ex-post-facto*. Por fim, o estudo de caso, pesquisa de campo ou a investigação participativa podem ser alguns dos procedimentos adotados caso o propósito da pesquisa seja explicativo.

Em seguida, é preciso pensar em um ou mais métodos que serão usados em seu desenho metodológico, *e.g.*: indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo, revisão de literatura, materialismo histórico-dialético, etnográfico, fenomenológico, praxiológico, hermenêutico, netnográfico, heurístico, pesquisa-ação, etc. Por fim, há que se definir as técnicas a serem usadas: diário de campo, entrevista, produção audiovisual, grupo focal, cartografia, observação participante, questionários, narrativas biográficas ou autobiográficas, histórias de vida, memorandos, rodas de conversa, notas de campo, iconografia, dentre outros. Ademais, vale a pena ressaltar que é fundamental que o pesquis-a-dor justifique cada uma das escolhas metodológicas elencadas acima.

[7] Lista de bases de dados para revisão de literatura e composição do estado da arte - https://www.abcd.usp.br/bases-dados/

Em conclusão, não posso deixar de fora a importância de que a investigação atenda aos preceitos éticos em pesquisa que, no caso do Brasil, são regidos por resoluções[8]. Tais documentos orientam o cientista a informar ao Sistema CEP/Conep[9] quais são os riscos e benefícios para os participantes envolvidos na pesquisa, quais os critérios e motivos de suspensão ou encerramento da pesquisa, em que local a pesquisa será realizada e o motivo da escolha, quem serão os participantes da pesquisa, quais serão os procedimentos para manutenção do sigilo da identidade desses participantes, como será o processo e quais os tipos de amostragem a serem utilizados na pesquisa, bem como quais serão os critérios de inclusão e exclusão de participantes ao longo desse processo. O pesquis-a-dor principal deve definir o conteúdo e providenciar, quando aplicável, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) no caso de crianças, adolescentes ou incapazes, além do Termo de Compromisso de Utilização de Dados (TCUD) em atenção à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)[10]. O investigador também deve explicitar de modo claro se há conflitos de interesse na realização da pesquisa, quais serão os procedimentos de coleta, produção, utilização, armazenamento e descarte dos dados, qual será o cronograma de execução e, por fim, qual o orçamento e as principais fontes de financiamento necessários para a condução da pesquisa.

Após essa breve descrição do roteiro metodológico para pesquisas de um modo geral, falemos sobre a origem do termo usado na primeira parte do título deste texto.

3. Metodologias arqueológicas

Inicialmente, gostaria de contextualizar minha proposta já que ela nasce da leitura da obra dos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss comumente traduzida em Português como Teoria Fundamentada (Glaser; Strauss, 1967). Ao pensar a pesquisa sob um prisma qualitativo, os pesquisadores entenderam que era necessário uma aproximação regular ao campo, comparar exaustiva, indutiva e dedutivamente os dados desse campo ao ponto de saturação e inferir os desdobramentos teóricos que esses dados apontam com o fito de preservar seu protagonismo e maior proximidade com a realidade social. Os autores conceberam quatro estágios para a aplicação de sua metodologia, a saber, *comparing incidents applicable to each category*,

[8] Resolução MS/CNS nº 196, 10/10/1996; Resolução MS/CNS nº 466, 12/12/2012; Resolução MS/CNS nº 510, 07/04/2016.
[9] https://conselho.saude.gov.br/comissoes-cns/conep/
[10] Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018

integrating categories and their properties, *delimiting the theory* e *writing theory*. A proposta era que a teoria surgiria somente na etapa final do processo de organização dos dados.

No Brasil, a partir do grupo de Londrina[11], Paraná, tem havido um movimento e esforço de leitura da teoria em tela (Reis, 2018; Egido; Novelli, 2021). No meu caso, propus em 2019 e depois em 2021, uma releitura da Teoria Fundamentada com orientação mais acentuada para os Estudos de Linguagem a partir de uma perspectiva transdisciplinar[12] (Sá, 2019; 2021b). Ampliei a aplicação da Teoria Fundamentada de quatro para seis estágios, quais sejam a identificação do fenômeno, delimitação do escopo e tema do fenômeno, codificação dos dados do *corpus* para a criação de categorias e propriedades, produção de memorandos e notas de campos que já apontem para possibilidades teóricas, dimensionamento axial visando à integração de categorias e propriedades e consolidação das possibilidades teóricas e, por fim, triangulação holística interdisciplinar [13] para a definição de premissas ontológicas e epistemológicas. Algumas pesquisas de iniciação científica, graduação e mestrado que orientei seguiram esses princípios orientadores com resultados bem surpreendentes (Santos; Nascimento, 2021; Silva, 2022; Francisco; Matos, 2022; Niero, 2023). Foi justamente ao longo dessas pesquisas que passei a entender com mais nitidez a importância do primado do outro, do *alter*, como figura central em pesquisas sociais.

3.1. Alteridade em cena

Foucault, ao "formular uma teoria geral das descontinuidades e mutações", coaduna com Marx, pois o "reconhece como o grande teorizador de mudanças" sem "medo de pensar o outro [14] " e, portanto, privilegiando o *alter*. (Foucault, 2021, p.10). Desse modo, uma metodologia que seja pautada pela lógica arqueológica implica pensar em ontologias e no debate onde "irrompem as questões do ser humano, da consciência, da origem e do sujeito" (Foucault, 2021, p. 14).

Em Descartes (2003) desloca-se a soberanidade e a divindade de Deus para o homem que, uma vez localizado no velho continente, é logicamente euro-centralizado. No entanto, o

[11] Gostaria de registrar meu agradecimento especial à Dra. Mariana Guedes Seccato, Universidade Estadual de Londrina, pela parceria, pelas trocas, pela construção, desconstrução e reconstrução do esboço dessa proposta.
[12] Uma plataforma interdisciplinar promove o diálogo entre diferentes disciplinas, porém não há alteração em suas peculiaridades. Por outro lado, a transdisciplinaridade possibilita a transformação de seu próprio espaço a partir do encontro e interação com o *alter*. É hiperflexível, intersticial, cíclica e, por conseguinte, aberta a fissuras que produzem rupturas e avanços e impedem que o conhecimento se cristalize em um modelo único (Sá, 2021b).
[13] Renomeei essa etapa de transubjetivação e tratarei dela em mais detalhes na parte final deste texto.
[14] Sempre que usar o vocábulo "outro" para me referir ao *alter*, difiro do Outro lacaniano, mais abstrato, e que se refere a um lugar, a linguagem, ao inconsciente (Lacan, 1973).

projeto teórico universal-ocidental não positiva o outro, o não-europeu, em sua existência, antes, cria estratégias para silenciamento, ocultamento e anulação. Essa metafísica cartesiana reconfigura as ontologias e por essa razão, Torres (2023) diz que é necessário "levar em consideração o ser situado que somos, que pergunta e questiona o sentido das coisas, não somente no âmbito instrumental, de reprodução, mas de desvelamento, de descobertas, de possibilidades dinâmicas" (p. 150).

Para tanto, o autor sugere que propostas teóricas e metodológicas que escapem às premissas cartesianas realizem a "hermenêutica da facticidade do ser-aí", o *dasein* heideggeriano que se posiciona "em contraposição à proposta cartesiana de universalização do eu que se realiza fora do mundo e alheio ao outro" e, desse modo, escapa da "falácia ideológica da *pensée unique*" (Sá, 2023a, p. 7, 8). Em outros termos, esse ser-aí, o *dasein* heideggeriano, é fluido, dinâmico, situado e não pode ser aprisionado em um modelo metodológico e epistemológico enrijecido e único, pois isso significaria negar a própria essência e, logo, a existência do ser (Heidegger, 2005).

Por conseguinte, esses são os sentidos que constituem minha proposta metodológica pensada à partir de uma dinâmica arqueológica. Uma proposta que privilegia o *alter* em sua singularidade e escape ao engessamento e à hegemonia teórica e que, portanto, desconsidera o outro enquanto produtor de epistemes e possibilidades outras com o fito de atender as demandas das dores sociais.

Uma palavra final nessa seção antes de avançar ao próximo tópico: ao falar em alteridade, *alter*, *alteritas*, singularidade, etc. não estou municiando o conceito de neutralidade em pesquisa científica. Entendo ser esta uma questão já superada em pesquisas sociais, conforme discutido no Brasil por Hilton Japiassu lá pelos idos de 1975. Alain Jaubert (1975, p. 8) afirma ainda que a ciência é "irremediavelmente marcada pela sociedade em que ela se insere, é portadora de todos os seus traços e reflete todas as suas contradições em sua organização interna e em suas aplicações". Portanto, uma pesquisa social arqueologicamente orientada considera o outro enquanto constituinte do trabalho investigativo e percebe a diferença como parte importante desse processo (Lévinas, 1961). Passemos à metáfora agora.

3.2. A metáfora arqueológica

Convém enfatizar que me aproprio do vocábulo arqueologia apenas como metáfora da primeira fase da obra de Foucault. E, pensando na metáfora como tal, não é meu objetivo e nem me comprometerei a discutir a profundidade do pensamento do filósofo no campo que esse o

concebeu. Portanto, o uso que faço das citações das obras de Michel Foucault é meramente metafórico para ilustrar o que proponho e chamo de metodologias arqueológicas. Por pesquisa social assumo, de partida, que:

> O perigo, em suma, é que em vez de darmos fundamento ao que existe já, em vez de cobrirmos o traço cheio de linhas esboçadas, em vez de nos tranquilizarmos por meio de um regresso e de uma confirmação final, em vez de consumarmos esse círculo bem-aventurado que enuncia, enfim, depois de mil astúcias, que tudo foi salvo, sejamos obrigados a avançar fora das paisagens familiares, longe das garantias a que estamos habituados, numa terra cujo levantamento ainda não operamos e a caminho de um termo que não é fácil prever (Foucault, 2021, p. 76).

Para o que penso em termos metodológicos em pesquisas sociais, a declaração de Foucault alerta para o perigo de que as escolhas metodológicas no induzam a operar apenas com as teorias que já estamos acostumados sob pena de ficarmos estagnados e cristalizarmos o conhecimento. Para evitar isso, é preciso que tais teorias sejam traídas e ajamos promiscuamente em termos diderotianos (Sá, 2016b). Para tanto, é necessário que nossas zonas teóricas sejam porosas e estejamos dispostos a fazer frente ao imprevisível por transitar em espaços que não conhecemos plenamente.

Isso está em harmonia com minha crítica ao modelo metodológico hegemônico euro-eua-norte-centrado de pesquisas que nos induz a engessar nossos diferentes fenômenos de pesquisa em um modelo teórico único. Assim, a premissa arqueológica é útil porque permite que os dados advindos do fenômeno social que investigamos nos apontem para diferentes possibilidades e caminhos teóricos que melhor contemplem a profilaxia, a cura ou o procedimento paliativo para a dor social sob nossas lentes.

Esse movimento poderá viabilizar o surgimento de uma *épistémè* enquanto "espaço de dispersão, um campo aberto e indefinidamente descritível de relações" em que há "uma relação complexa de deslocamentos sucessivos" (Foucault, 1994, p. 676-677). Por *épistémè*, Foucault (1980, p. 197) entende como um "aparato estratégico que permite a concepção e a distinção de possibilidades teóricas com características científicas ou não, mas circunscritas em um determinado campo". Ademais, a *épistémè*, enquanto paradigma, contribui para a organização de múltiplos saberes em determinada época a partir de suas contradições e similaridades além de possibilitar, por seu turno, a ruptura de pressupostos cognitivos e epistemologias totalitárias.

Karl Marx parecia pensar de modo parecido quando, ao falar sobre seu método dialético imanente, ressaltou que o pensamento e, por conseguinte, as mudanças sociais, emergem quando investigamos e identificamos as contradições internas de um sistema que,

por sua vez, apontam para as contradições da realidade social e, por fim, possibilitarão o surgimento e o desenho de modificações, calibragens e, quiçá, soluções parciais a partir e junto com o fenômeno. Aproprio-me de suas palavras:

> […] a investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode descrever, adequadamente, o movimento do real. Se isso se consegue, ficará espelhada, no plano ideia, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção *a priori* […] (Marx, 2013, p. 16).

Portanto, o pensamento marxista diverge da lógica cristalizadora de um modelo único de conhecimento que funcionaria como uma panaceia social e, por conseguinte, para perfeita compreensão da realidade. Ora, confirmado o pressuposto marxista e foucaultiano, é incoerente pensar que um modelo metodológico que conduz a um caminho teórico único seja capaz de possibilitar o entendimento de todas as mazelas e fenômenos sociais que nos cercam e dar conta de resolvê-los. Essa visão messiânica e niilista[15] em pesquisa social é contraproducente, pois a realidade é ofuscada e, assim, converte-se verdadeiramente em um espaço não acessado; logo, nada muda!

3.3. O processo arqueológico

Do *gr*. Arkhaiología, *αρχαιολογία,* é uma ciência que investiga indícios, vestígios e busca precisar o ponto de partida da organização interna e externa de um sistema visando, por meio de processos como coleta e escavação, ao provimento de subsídios materiais para a compreensão desse sistema ou sociedade. A aplicação que Michel Foucault (2021) faz desse processo se refere a sistemas de pensamento e a produção de conhecimentos que, ao longo da história e em determinadas condições sociais, são governados por regras muito próprias para definir um sistema de possibilidades[16].

Esse sistema, uma vez identificado, fornece um conjunto aparentemente homogêneo de dados que abriga informações relevantes para a sua compreensão. Veja na figura abaixo como ela é bastante gráfica para ilustrar e nos ajudar a visualizar o que entendo por conjunto, bloco de dados ou *corpus* de um sistema - uma pesquisa.

---

[15] Trago Nietzsche (2012; 2013) à conversa para ampliar o debate e minha crítica ao reducionismo metodológico (e teórico!) que, em vez de positivarem a experiência presente da vida humana, tendem à linearidade histórica, ao afastamento e à recusa de sua materialidade em prol de uma pretensa solução única, ideal e futura em pesquisas.

[16] Stanford Encyclopedia of Philosophy em https://plato.stanford.edu/entries/foucault/#3.2

Figura 01: La Yesera, Quebrada de Las Conchas, Provincia de Salta, Argentina



Fonte: The Beauty of the Desert

Esses dados podem parecer um bloco único, sólido e muitas vezes vistos como homogêneos. No entanto, esse *corpus* ou conjunto de dados, é composto por diferentes camadas. Embora pareça homogêneo é fundamental entender que essa aparente homogeneidade oculta e conforma inúmeras relações de heterogeneidade, dispersão, continuidades e descontinuidades (Foucault, 2021). Essa compreensão é importante para que o pesquis-a-dor consiga despojar-se de posicionamentos ingênuos sobre seu fenômeno, o sistema que almeja investigar.

Nas palavras de Foucault, ao falar sobre enunciados em formações discursivas, valer-se da lógica e da dinâmica metodológica da arqueologia para acessar um *corpus* de pesquisa social nos permite "descrever a dispersão, apreender todos os interstícios, medir as distâncias e formular sua lei de repartição" (Foucault, 2008, p. 37). Esse processo possibilitará que o pesquis-a-dor "encontre o sistema, a invariante estrutural, a rede de simultaneidades" (Foucault, 2021, p. 9).

Esse movimento metodológico arqueológico possibilitará o *phainesthai* que, para Martin Heidegger (2012, p. 67), é traduzido como "o que se mostra; o que se revela". Jungley Torres (2023, p. 150) acrescenta à percepção heideggeriana quando diz que "*pha* tem significado próximo com *phos*, que significa brilho ou luz, *i.e.* deixar-se luzir, deixar-se mostrar, e, por conseguinte, representa a condição para que algo se mostre" e ressalta o contraponto com o termo grego *alétheia*, *ἀλήθεια,* que se refere ao que se "mantém velado, ao som que diz e que permanece indizível" (Torres, 2023, p. 151). Por conseguinte, o pesquis-a-

dor social deve envidar esforços para trazer à luz o que está escondido, velado, oculto, sombreado, rasurado, etc. em seu *corpus* de pesquisa.

3.4. Metodologia arqueológica de dados[17] (MAD)

Meu esforço neste texto tem sido ampliar, atualizar e aprofundar minha releitura inicial da Teoria Fundamentada (Sá, 2019; 2021b) que alinho à lógica arqueológica foucaultiana qual metáfora para minha plataforma metodológica. Como ilustra a figura a seguir, discorro agora sobre a primeira frente que se desdobra nessa plataforma.

Figura 02: Metodologia arqueológica de dados (MAD)



Fonte: Autoria Própria

Conforme demonstra a figura acima, em uma pesquisa social metodológica e arqueologicamente orientada, o primeiro passo do pesquis-a-dor social é identificar o **fenômeno** a ser investigado. Para tanto, é preciso que ele pense na fonte e contexto em que esse fenômeno se insere e quais são as variantes que o afetam, positiva ou negativamente. Em seguida, é preciso delimitar o escopo e o tema para seu fenômeno já que, reconhecidamente, toda pesquisa tem suas limitações e constrangimentos de diversas ordens e natureza, que nos impedem de dar conta da amplitude de dores de fenômenos sociais na atualidade. Depois, é

[17] Por dados aqui, refiro-me a um *corpus* para pesquisa composto exclusivamente de informações provindas de documentos, no sentido mais amplo do termo, e que não envolvam quaisquer interações com seres humanos.

fundamental que sejam decididos quais os recortes, ou seja, a abrangência temporal e espacial do fenômeno a ser investigado, bem como as razões para essas escolhas e seus critérios de inclusão e exclusão.

Ainda nesse primeiro passo, o pesquis-a-dor social acessa o campo que abriga o conjunto de dados que, uma vez coletados, irá compor o *corpus*. Em concomitância a esse acesso, é importante realizar o processo inicial de demarcação dos espaços em que o pesquis-a-dor irá começar suas escavações como ilustrado na figura a seguir.

Figura 03: Prospecção arqueológica



Fonte: Autonomia arqueologia

Aqui o pesquis-a-dor organiza seu campo de pesquisa, conjunto de dados ou *corpus*, demarcando-o e organizando-o em diversos segmentos menores que lhe fazem sentido para, em seguida, conseguir iniciar o processo arqueológico de escavar para acessar as diferentes camadas e seções do corpus em busca das regularidades e contradições que revelarão o que está oculto nas camadas.

Esse movimento leva ao passo seguinte, que chamo de **codificação**. É nessa etapa que o pesquis-a-dor social, munido do conjunto de dados coletados, começa o processo de organização do *corpus*. Essa fase inicial de organização e classificação dos dados propiciará a criação de categorias e propriedades[18], sendo a categoria o eixo principal e as propriedades o eixo que as sustentam ou derivam dela[19]. Nessa fase de codificação, o pesquis-a-dor organiza os dados seguindo uma lógica mais livre e que lhe faça mais sentido, *e.g.* por uma sequência cronológica, temática, espacial e etc.

[18] Também podemos chamar de hiperônimo e hipônimos ou paradigma e sintagma.
[19] Bernardes (2012) discute os termos categoria, conceitos e propriedades desde uma perspectiva filosófica.

O terceiro passo, eu chamei de **pêndulo**, ou seja, em termos foucaultianos, isso implica em um movimento pendular no seu conjunto de dados ora documentalizando ora monumentalizando os dados do *corpus.* Esse movimento no interior do processo arqueológico possibilitará que os "dados falem mais do que têm a dizer sobre si ao passo que são desdobrados em uma dimensão mais complexa" (El-Jaick; Dias, 2021, p. 11). Isso permitirá que o pesquis-a-dor, em respeito a esses dados, os reorganize, calibre, ajuste e etc. com o fito de revelar o que está oculto nas camadas do campo.

Essa tarefa de reorganização e reclassificação pendular é feita de modo indutivo e dedutivo. Francis Bacon (1620) descreve o procedimento indutivo da seguinte forma:

> Só há e só pode haver duas vias para a investigação e para a descoberta da verdade. Uma, que consiste no saltar-se das sensações e das coisas particulares aos axiomas mais gerais e, a seguir, descobrirem-se os axiomas intermediários a partir desses princípios e de sua inamovível verdade. Esta é a que ora se segue. A outra, que recolhe os axiomas dos dados dos sentidos e particulares, ascendendo contínua e gradualmente até alcançar, em último lugar, os princípios de máxima generalidade (Bacon, 1620, p. 9).

O filósofo empirista orienta que o processo indutivo é útil para "[...] organizar e coordenar todos os fatos relacionados a um objeto" e para organizar esses fatos sugere que "se utilize de tabelas de invenção idôneas e bem dispostas e como que vivas. Tais tabelas servirão à mente como auxiliares preparados e ordenados" (p. 61). Na minha proposta sugiro que, na criação dessas tabelas, às categorias que são semelhantes sejam atribuídas as mesmas cores e o mesmo procedimento seja adotado para as propriedades. Bacon (1620) ressalta ainda que essa tarefa constitui um "caminho que não é plano, há nele subidas e descidas" (p. 60).

Por outro lado, no procedimento dedutivo o pesquis-a-dor parte de um raciocínio lógico reconhecido como verdadeiro e mais amplo e vai estabelecendo tantas premissas menores quantas forem necessárias para chegar à uma conclusão que lhe faça sentido em relação ao tema que investiga. Nas palavras de seu proponente, o pesquis-a-dor deveria tomar o cuidado de "jamais acolher alguma coisa como verdadeira que não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em seus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a seu espírito, que não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida" (Descartes, 1979, p. 13). Em seguida, o investigador deve dividir o conjunto de dados em tantas partes quantas forem possíveis e necessárias. O terceiro e quarto passos do processo dedutivo são:

> [...] o de conduzir por ordem meus pensamentos, iniciando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para elevar-me pouco a pouco, como galgando degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e presumindo até mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros. E o último, o de efetuar em toda a parte relações metódicas tão completas e revisões tão gerais nas quais eu tivesse a certeza de nada omitir (Descartes, 2003, p. 6).

Em suma, na proposta metodológica arqueológica, os procedimentos indutivo e dedutivo são maneiras de estruturar, reestruturar, organizar e reorganizar o raciocínio por meio de operações mentais sistematizadas que se retroalimentam da realidade social e objetivam compreender essa realidade de forma coerente, lógica e ordenada.

O quarto passo metodológico é a **axialização**. Na morfologia botânica[20], o axial diz respeito à "raiz principal que penetra verticalmente no solo, com ramificações secundárias de menor diâmetro e tamanho, de aspecto racemoso". Para mim, na metodologia arqueológica de dados, essa etapa começa a ser desenhada quando o processo de estruturação, reestruturação, organização e reorganização levada a cabo pelo procedimento indutivo e dedutivo devem seguir até o ponto de saturação, ou seja, "de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que tivesse a certeza de nada omitir" e poucas novidades encontrar (Descartes, 1979 p. 15).

Em outras palavras, o pesquis-a-dor social saberá qual é o ponto máximo de saturação, *i.e.*, o alcance da mais alta redundância e similaridade informacional no processo indutivo e dedutivo no *corpus*. Uma vez saturadas, as categorias e propriedades identificadas não adicionarão novas contribuições para o *corpus*. Esse estágio é importante porque "atende aos fundamentos ontológicos e epistemológicos da pesquisa qualitativa" (Constantinou, Georgiou; Perdikogianni, 2017, p. 583).

Ricardo Pucinelli[21] (2022) cita Janice Morse ao acrescentar que a saturação possibilita a vinculação de conceitos e processos semelhantes em diferentes instâncias, experiências, contextos e eventos, pois desenvolve "concordância dentro do conjunto de dados, não necessariamente no nível de 'cotação 'do participante microanalítico, mas no nível conceitual. Dá aos leitores segurança na análise. Os múltiplos e fortes exemplos de conceitos apresentados de maneira lógica e coerente dão aos leitores a convicção da acurácia da análise" (Morse, 2018, p. 1398).

[20] Dicionário Eletrônico, versão 2.3.0 (294). *Copyright © 2005-2022 Apple Inc.* Todos direitos reservados.
[21] Ver blog em https://ibepaq.com.br/saturacao-na-pesquisa-qualitativa-prof-dr-ricardo-henrique-pucinelli/

Um adendo importante é que, ao longo dos passos dois a quatro, o investigador deve produzir **memorandos** ou notas de campo que lhe indicam possibilidades teóricas que ele vai percebendo ao longo de todo o processo de manuseio dos dados. Tais memorandos contribuem para o posterior esforço analítico porque o "mantém envolvido com [os dados] e ajuda elevar o nível de abstração de suas ideias" (Charmaz, 2009, p. 106). A autora acrescenta que a escrita de memorandos permite:

> […] um espaço e um lugar para comparar dados e dados, dados e códigos, códigos de dados e outros códigos, códigos e categorias e categorias e conceitos, assim como para articular conjecturas sobre essas comparações. Utilize os memorandos para ajudá-lo a refletir sobre os dados e descobrir as suas ideias relativas a eles" (Charmaz, 2009, p. 107).

Visto que o objetivo desses memorandos em minha proposta metodológica é a ideação de possibilidades teóricas é importante que o pesquis-a-dor os redija de forma espontânea, informal, não mecanizada, de modo fluido e "divagando livremente em relação a todas as perspectivas" e possibilidades teóricas que lhe ocorrer porque tais memorandos são "parciais, preliminares, provisórios e iminentemente retificáveis" (Charmaz, 2009, p. 115, 119). Por fim, vale ressaltar que é imprescindível que sejam anotadas em detalhes todas as fontes para consulta mais aprofundada posteriormente para inclusão ou exclusão nas etapas seguintes de sua pesquisa.

O passo número cinco da proposta é o que chamo de **transubjetivação**. Nessa etapa, o pesquis-a-dor social irá definir quais as possibilidades teóricas que o *corpus* de sua pesquisa parece apontar e que, por sua vez, explica, se relaciona com as dores do fenômeno e prescreve a profilaxia, a cura ou a ação paliativa. Inicialmente, convém salientar que o que chamo de transubjetivação não guarda relação alguma com experiências místico-religiosas ou com a esfera das decisões judiciais no Direito.

Para os fins da plataforma metodológica que venho discorrendo neste texto, transubjetivação se refere ao movimento em que dimensões discursivas desencadeiam subjetividades e incorporam temporalidades com o fito de possibilitar que o *corpus* da pesquisa esteja sob a mira de outrem e não apenas de um pesquis-a-dor. Empresto de Abreu e Oneto (2014) a ideia de que o processo de transubjetivação contribui para que se questione a unicidade teórica e cronológica proposta no projeto universal-ocidental, o lugar da verdade que só pode aparecer como criação do novo e que a torna ética.

Em Deleuze lemos sobre o que o filósofo entende por exercício transcendente que abriga paradoxalidades e objetos inerentes ao tempo-espaço oriundos das muitas subjetividades que

se entrecruzam e são capazes de convergir em acordos que, em latim, transmite a ideia de uma habilidade, *concordia facultatum*. Sobre isso, Deleuze diz que isso ocorre "quando todas as faculdades juntas relacionam o que lhes é dado, e se relacionam entre si, a uma forma de identidade do objeto" (1968, p. 174). Assim, se possível a criação e produção de diferentes sentidos e valores aceitáveis sem que seja necessário a adesão a um modelo prévio (Deleuze, 1962). Portanto, entendo que o processo de transubjetivação possibilita que "as ideias [enquanto] problemas [tragam] as condições sob as quais as faculdades atingem seu exercício superior" (Deleuze, 1968, p. 190).

Na plataforma metodológica arqueológica o processo de transubjetivação ocorre nas múltiplas trocas ao longo da pesquisa. Acontece nas trocas com as diferentes leituras que fazemos ao longo da pesquisa, nas interações pessoais, no engajamento nas inúmeras práticas sociais, nas atividades acadêmico-institucionalizadas em que a pesquisa é realizada, etc. No âmbito dessas atividades penso nas que se realizam nas esferas da graduação e da pós-graduação, *e.g.*, apresentação da pesquisa em eventos científicos, participação em debates sobre o tema, exames formais de avaliação do trabalho em bancas de qualificação e defesa, nas muitas trocas em diferentes sessões com seus pares nos grupos de pesquisa, por meio de pareceres emitidos antes, durante e após a publicação de textos científicos sobre a investigação, etc. etc. etc.

É com a clareza do que significa o processo de transubjetivação, momentos em que o pesquis-a-dor é atravessado por outras subjetividades que contribuem para os objetivos de sua empreitada investigativa, mas também em que o *corpus* da pesquisa atravessa muitas outras subjetividades pelo caminho, é que as possibilidades teóricas para análise posterior sobre o fenômeno são esboçadas, desenhadas e consolidadas

Vencida esta quinta etapa, é chegado o momento da **redação** final do texto que descreverá em detalhes todo o percurso metodológico da pesquisa. Sigamos adiante!

3.5. Metodologia arqueológica participativa (MAP)

Bronisław Kasper Malinowski foi um dos precursores da aproximação ao campo em pesquisas participativas, pois envolvem seres humanos em todo o processo investigativo. O antropólogo polaco destaca que em pesquisas que contam com a participação dos atores do campo é preciso que o pesquis-a-dor carregue em sua bagagem princípios científicos orientadores para a inserção na realidade empírica, que valorize o processo de observação e que faça bom uso de métodos e técnicas que contribuam para o êxito de seu labor investigativo

(Malinowski, 1978). Para ele, a "estrutura social inteira estão incorporadas ao mais elusivo dos materiais: o próprio ser humano" no campo de pesquisa (Malinowski, 1978, p. 24). Por essa razão, o pesquis-a-dor precisa imergir no campo para que possa a partir e junto com ele pensar o fenômeno e ser capaz de "ter uma atitude que consiste em desenvolver uma visão estereoscópica das atividades e ideias humanas através de conceitos inteligíveis a todos" (Malinowski, 1978, p. 43).

Em Adams & Streck (2014) somos lembrados que nós, pesquis-a-dores, que nosso "trabalho na busca de conhecimento só pode ser mesmo vagaroso, não pode ser afoito, açodado, descuidado. Leva-nos a olhar com calma cada gotinha da realidade vista buscando a não vista" e conclui dizendo que para conseguirmos isso nossa pesquisa deve primar "como método a ação engajada, convivendo, observando, refletindo, perguntando e construindo passagens" (Adams; Streck, 2014, p. 11). Seguindo na abertura de sua obra, os autores dizem que em pesquisa social participativa é preciso "elaborar e reelaborar conhecimentos", pois o conhecimento "não é petrificado nem eterno" (Adams; Streck, 2014, p. 12). Por fim, concluem sua introdução dizendo que

> pesquisar é alçar voo […] é a possibilidade de investigação engajada, vivida, realizada de modo rigoroso do ponto de vista da produção de compreensões confiáveis, de um modo mais geral, ao mesmo tempo que, conjugada à realidade com vistas a transformações, gerando processos emancipatórios com os participantes [será] uma contribuição ímpar [que se contrapõe como] desafio para localizar a perspectiva egocêntrica que naturalizamos como universal e única (Adams; Streck, 2014, p. 13, 16).

Vivemos em tempos que nos deixam constantemente boquiabertos em que inúmeros dispositivos de controle, apagamentos, exclusões e aniquilamentos são desenhados à velocidade supersônicas. Não podemos permitir que esse cenário nos contamine no que tange aos nossos modos de pesquisar espaços sociais. Paradoxalmente, as tensões de nossos tempos produzem, rigidez, engessamento e continuidades, mas a mesma dinâmica possibilita a operação em fissuras e rupturas. Como admite Paulo Freire, nossa "terra é a coexistência dramática de tempos díspares, confundindo-se no mesmo espaço geográfico: atraso, miséria, pobreza, fome, tradicionalismo, autoritarismo, democracia, modernidade" (Freire, 1995, p. 26).

Diante do aparato tecnológico de controle social que é refletido inclusive no ato de pesquisar, é fundamental que nas pesquisas participativas os problemas científicos sejam determinados a partir de sua relevância e transcendência social. Não é mais cabível que se pesquise um fenômeno excluindo-se o ator principal do processo de modo a produzir somente

um saber estático, a-histórico, estanque, marginalizante, atomizado, academicista, tecnocrata, esterilizante, etc. etc. (Brandão; Streck, 2006).

Há muito que se falar sobre os muitos que contribuíram para as bases conceituais e operativas que constituem o escopo, tipos, modos, etc. De pesquisa participativa, mas meu braço não os alcança neste breve texto (Brandão; Streck, 2006, p. 89-119). Todavia, posso tentar sintetizá-los a partir do que nos apresentam Marcela Gajardo (1983, p. 73-78), Schönhuth e Kievelitz (1994) e Expósito Verdejo (2003), a saber, a pesquisa participativa deve: 1) partir da realidade concreta; 2) ser pautada pela luta para horizontalização e simetria das relações e do poder de decisão em relação ao tema em pauta; 3) priorizar mecanismos democráticos e antiautoritários; 4) promover a mobilização, aprendizagem e a prática coletiva; 5) reconhecer as implicações ideológicas das práticas sociais; 6) estimular a transformação social e comunitária; e, 7) enfatizar a produção e partilha coletiva do conhecimento produzido.

Avanço agora à segunda frente da plataforma metodológica que proponho e que é pensada para as pesquisas que envolvem a participação direta de seres humanos em todas as etapas da pesquisa. Todos os participantes[22] devem, preferencial e invariavelmente, começar a atuar juntos desde a compreensão plena do fenômeno e suas delimitações até a conclusão e divulgação da pesquisa. A figura 4 mostra como as etapas a serem seguidas na MAP diferem da primeira frente, a MAD.

[22] Por participantes, refiro-me ao tanto pesquis-a-dor ou grupo de investigadores principal, bem como a todos os demais sujeitos e atores que participam em uma ou mais das diferentes etapas da pesquisa científica.

Figura 04: Metodologia arqueológica participativa (MAP)



Fonte: Autoria Própria

Seguindo o roteiro da figura 4 destaco que o primeiro passo no planejamento da pesquisa deve ser a definição do **fenômeno** a ser investigado, seus objetivos, potencialidades e limitações. Embora esse primeiro passo possa começar ou partir do pesquis-a-dor em uma etapa inicial, é imprescindível que os demais participantes da pesquisa sejam engajados inclusive nessa fase inicial da pesquisa. No passo seguinte, deve-se assegurar que os **investigadores**, pensando aqui na horizontalização das relações em que os participantes também assumem esse papel, pensem em uma dinâmica que prime por ações transdisciplinares e que contemplem a diversidade dos participantes em campo. Na terceira etapa é importante que todos os envolvidos na pesquisa sejam realistas quanto às **expectativas** almejadas em contraposição com a viabilidade e exequibilidade, além dos efeitos que podem ser produzidos pela pesquisa.

Definidas e vencidas essas etapas iniciais de planejamento, iniciamos a fase seguinte que se refere à geração dos dados do *corpus*. Nessa etapa é extremamente importante que sejam desenvolvidas diferentes estratégias de **auscultação**[23]. Essas estratégias compõem o que Foucault (1978; 2002) chama de caixa de ferramentas, que pode ser usada para construir ou para derrubar uma edificação. O ferramental nessa caixa deve "servir e funcionar, pois são

[23] Trata-se de uma prática médica que extrapola o mero hábito de escutar. A ausculta envolve ouvir sobretudo os ruídos internos do organismo, para controlar o funcionamento de um órgão ou perceber uma anomalia.

como óculos dirigidos para fora e se não lhe servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento" afirma Gilles Deleuze em conversa com Foucault (Foucault, 2002, p. 71). O próprio Michel Foucault em entrevista ao escritor e filósofo Didier Eribon, do jornal francês *Le Monde*, diz que

> Todos os meus livros, seja a *Histoire de la Folie* seja este, *Surveiller et Punir*, são se você quiser, caixinhas de ferramenta. Se as pessoas querem abri-los, se servir dessa frase, daquela idéia, de uma análise, de uma chave de fenda ou uma torquês, para provocar um curto-circuito, desacreditar os sistemas de poder, eventualmente até os mesmos que inspiraram meus livros, pois tanto melhor (ERIBON, 1990, p. 220).

Mais uma vez, o que Foucault fala sobre caixa de ferramentas guarda relação direta com a ação arqueológica que usa diferentes ferramentas em diferentes tipos de solo, camadas, níveis de profundidade e dificuldade, condições climáticas, artefato sendo desvelado, etc. Portanto, nessa etapa, todos os participantes da pesquisa são envolvidos na produção dos dados, no desvelamento dos artefatos arqueológicos, que servirão para informar e fornecer elementos que visem ao entendimento das dores do fenômeno e à posterior ação paliativa, curativa ou profilática.

Em propostas metodológicas como o DRP (Expósito Verdejo, 2003), os participantes nessa etapa produzem mapas e calendários comunitários[24] que refletem o fenômeno sob suas lentes e cuidados. Em minha proposta, contudo, penso que é útil deixar que essa etapa seja pautada apenas pelo princípio orientador por trás da caixa de ferramentas foucaultiana, pois será o fenômeno que, novamente, em uma relação consorciada e dialético-dialógica com os participantes da pesquisa apontará possibilidades e as melhores ferramentas nesse processo que melhor se adequem as suas peculiaridades.

Chamo a etapa seguinte de **calibragem**. É nessa etapa que os investigadores que participam da pesquisa poderão valer-se de outra metáfora foucaultiana, a saber, a pirotecnia (Foucault, 2006). Para o filósofo, o pirotécnico produz artefatos que, inseridos nas brechas, podem ser usados para implodir e desconstruir o que se coloca como verdade. Curiosamente, ressalto que, em Foucault, esse processo pirotécnico também se consubstancia em uma dinâmica arqueológica.

A calibragem do *corpus* é pirotécnica porque, por meio de métodos e técnicas que primem pela relação simbiótica e dialético-dialógica, os participantes atuarão nas brechas do

[24] Esse esclarecimento parte de uma provocação de um pesquis-a-dor parceiro, o Dr. Derlis Ortiz Coronel, da Universidad Nacional de Asunción no Paraguai, a quem tenho o privilégio de supervisionar o estágio pós-doutoral com a realização de uma bela pesquisa sobre o currículo educacional dos povos indígenas Mbya-Guaraní.

corpus com o fito de colapsar possíveis verdades pré-concebidas sobre o fenômeno. Esse processo de organização e manuseio dos dados ocorre por meio da mesma dinâmica pendular de indução e dedução que é acompanhada da produção de memorandos e notas de campo até o ponto de saturação tal como na Metodologia arqueológica de dados (MAD). É importante frisar que durante toda a etapa de calibragem do *corpus* da pesquisa, os participantes façam uso frequente do princípio da pirotecnia foucaultiana para evitar a contaminação pelas muitas verdades pré-concebidas que orbitam o fenômeno.

As duas últimas etapas, a **transubjetivação**, para definição das possibilidades teóricas da pesquisa, bem como a **redação** do texto que disporá sobre o percurso metodológico seguido na pesquisa, são similares em ambas as frentes metodológicas apresentadas.

Em conclusão desta seção, gostaria de ressaltar que é de extrema importância que o pesquis-a-dor social que adere à plataforma metodológica que apresento neste texto, não permita que se perca de vista, que a meta derradeira de minha proposta metodológica arqueológica é que na lida com o fenômeno da pesquisa se consiga, com o máximo de clareza e sobriedade possível, perceber quais são as dores desse fenômeno e, dessa forma, esse pesquis-a-dor se municie de recursos, elementos e condições para decidir se atuará de modo paliativo, curativo ou profilático.

Destarte, é fundamental que não sejamos o cientista normal que na acepção científico-filosófica popperiana é aquele digno de pena por não conseguir ser esse pesquis-a-dor ontológica e socialmente orientado que foge da lógica da ciência normal para que suas pesquisas possam, *ipso facto*, aliviar as "privações sofridas, produzir leveza de pensamento e modificar a precariedade da existência" dos atores envolvidos (Rojo, 2013, p. 65). É isso que desejo propor nesta empreitada mas, ao mesmo tempo, espero ensejar e instilar novas pesquisas sobre essa temática e minhas inquietações.

6. Fechando provisoriamente o bate-papo

Gostaria de recuperar o que escrevi em Sá (2020), pois na ocasião citei Bakhtin (1978, p. 100) que diz que "toda palavra é pluriacentuada, [pois] toca em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência socioideológica e participa ativamente do diálogo social". Citei também Calvino (2001, p. 114) quando ele diz que a escrita, e eu aplico aqui à pesquisa, com "todas as 'realidades' e as 'fantasias' […] representam espetáculos variegados do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto". Na ocasião afirmei que:

> Tanto os fios dialógicos bakhtinianos como os espetáculos variegados calvinianos dependem do exercício do olhar dos diferentes interlocutores no diálogo social. [Por isso], enquanto linguista aplicado (ou complicado?!), sou partidário da escola da filosofia de linguagem e, logo, interessado na compreensão do sentido pragmático da linguagem e sua relação filosófica com a realidade (Sá, 2020, p.12).

Transferindo que eu disse à época para a temática deste texto, afirmo que meu raciocínio e minha linha de pensamento permanecem os mesmos quando aplico à plataforma metodológica arqueológica que proponho e submeto ao escrutínio do leitor. Portanto, meu desejo é que possamos tecer muitos fios dialógicos ao construir nossas pesquisas do ponto de vista metodológico e que elas sejam, destarte, capazes de alcançar pessoas e atenuar suas dores, se não for possível impedi-las ou curá-las.

Para um próximo texto sobre esse tema deixo aqui duas das inquietações e provocações do pesquis-a-dor e parceiro, o Dr. Derlis Ortiz Coronel da Universidad Nacional de Asunción no Paraguai, ao ler e escrutinar minha proposta:

Desde la perspectiva crítica, mencionas la influencia de varios teóricos críticos, pero sería genial si pudieras profundizar un poco más en cómo estas teorías informan tu enfoque y cómo ayudan a enfatizar los resultados desde una perspectiva crítica. Por ejemplo, ¿cómo podrían las ideas de Freire sobre la educación crítica informar tu enfoque de la participación y la construcción conjunta de datos?

Y, la aplicación sociológica y mejora de los fenómenos sociales, finalmente, creo que sería útil si pudieras explicar un poco más cómo tu metodología puede ser útil en el ámbito sociológico y cómo puede ayudar a mejorar la calidad de los fenómenos sociales. Por ejemplo, ¿cómo podría tu metodología ayudar a los investigadores a entender mejor los problemas de los sectores sociales y a proponer soluciones que sean relevantes y útiles para estas comunidades?

Fica, por conseguinte, estabelecido o desafio e o tom do próximo texto!

Referências

ABREU, Ovídio; ONETO, Paulo Domenech. Deleuze e a crítica da verdade. **O que nos faz pensar**, v. 23, n. 35, p. 141-159, 2014.

ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade**. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2014.

BACON, Francis. **Novum Organum**: Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza. [s.l.]: CultVox, 1620.

BAKHTIN, Mikhail. **Du discours romanesque**: Esthétique et théorie du roman. Paris: Éditions Gallimard, 1978.

BERNARDES, Antonio Henrique. Quanto às categorias e aos conceitos. **Formação** [*Online*], v. 2, n. 18, p. 165-172, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Orgs.). **Pesquisa participante: A partilha do saber**. Aparecida, SP: Ideias & Ideias, 2006.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CAMERON, Deborah (Org.). **Researching language**: issues of power and method. London; New York: Routledge, 1992.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada**: Guia prático para análise qualitativa. Trad. Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CONSTANTINOU, Costas; GEORGIOU, Maria; PERDIKOGIANNI, Maria. A comparative method for themes saturation (CoMeTS) in qualitative interviews. **Qualitative Research**, v. 17, n. 5, p. 571-588, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche et la philosophie**. Paris: Les Presses Universitaires France, 1962.

DELEUZE, Gilles. **Différence et répétition**. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1968.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: Teorias e abordagens. Trad. Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DESCARTES, René. **Discurso do método**: Para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. Trad. Jacob Guinsburg; Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril, 1979.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. Enrico Corvisieri. Atlanta: Acropolis, 2003.

DIAS, Ana Carolina Neves; EL-JAICK, Ana Paula. A monumentalização do discurso na arqueologia do saber, de Michel Foucault. **Signótica**, v. 33, 2021.

D'SOUZA, Radha. As prisões do conhecimento: Pesquisa ativista e revolução na era da globalização. *In*: SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010, p. 145-174.

DUSSEL, Enrique D. **1492, O encobrimento do outro**: A origem do mito da modernidade. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

EGIDO, Alex Alves; NOVELLI, Josimayre (Orgs.). **Percursos metodológicos em estudos da linguagem**: Tipos, instrumentos e métodos. Goiânia: Editora Scotti, 2021.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault**: Uma biografia. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

EXPÓSITO VERDEJO, Miguel. **Diagnóstico rural participativo**: una guía práctica. Santo Domingo, República Dominicana: Centro Cultural Poveda, 2003.

FANON, Frantz. **Les damnés de la terre**. Paris: Éditions Maspero, 1961.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. **Power/knowledge**: Selected interviews and other writings, 1972-1977. Trad. Leo Marshall. 1. ed. New York: Vintage, 1980.

FOUCAULT, Michel. Réponse à une question. *In*: FOUCAULT, Michel (Ed.). **Dits et écrits, 1954-1988. I, 1954-1969**. Paris: Éditions Gallimard, 1994, p. 673-695.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2002.

FOUCAULT, Michel. Eu sou um pirotécnico. *In*: FOUCAULT, Michel (Org.). **Michel Foucault**: Entrevistas a a Roger Pol-Droit. Trad. Vera Portocarrero; Gilda Gomes Carneiro. São Paulo: Graal, 2006, p. 69-75.

FOUCAULT, Michel. **L'archéologie du savoir**. Paris: Éditions Gallimard, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Trad. Miguel Serras Pereira. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2021.

FRANCISCO, Manoella Vitória Santos; MATOS, Miryam Borges. **Ética e banalização do mal em tempos de desinformação**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Cubatão, SP, 2022.

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira**. São Paulo, SP: Olho d'Agua, 1995.

GAJARDO, Marcela. Investigación participativa: Propuesta y proyectos. **Revista Latinoamericana de Estudios Educativos**, v. XIII, n. 1, p. 49-86, 1983.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. **The discovery of grounded theory**: strategies for qualitative research. New Brunswick: Aldine Transaction, 1967.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

JAUBERT, Alain (Org.). **Autocritique de la science**: textes réunis par Alain Jaubert et Jean-Marc Lévy-Leblond. Paris: Éditions du Seuil, 1975. (Points science, 3).

JUNG, C. G. **Contributions to analytical psychology**. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., 1928.

LACAN, Jacques. **Le séminaire, livre XI**: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse. Paris: Éditions du Seuil, 1973.

LANDER, Edgardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago (Orgs.). **A colonialidade do saber, eurocentrismo e Ciências Sociais**: Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalité et infini**: Essai sur l'extériorité. The Hague; Boston: Hingham, MA: Éditeur M. Nijhoff, 1961. (Phaenomenologica, 8).

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 71-114, 2008.

MALINOWSKI, Bronisław Kasper. **Argonautas do pacífico ocidental**: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Trad. Anton P. Carr; Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2. ed. São Paulo.: Abril Cultural, 1978.

MARX, Karl. **O capital, crítica da economia política**: Livro primeiro - o processo de produção do capital. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MORSE, Janice. Reframing rigor in qualitative inquiry. *In*: MORSE, Janice (Org.). **The Sage handbook of qualitative research**. 5. ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc, 2018, p. 1373-1409.

NIERO, Ana Carlota Vieira. **Coordenação pedagógica no Brasil**: Por uma proposta arqueológica. Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. O niilismo europeu. **Estudos de Nietzsche**, Trad. Claudemir Araldi. v. 3, n. 2, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

NUNES, Benedito. **Heidegger & Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

REIS, Simone. Paradigmatic and syntagmatic analysis in qualitative research with data of human language. **Signum**: Estudos da Linguagem, v. 21, n. 2, p. 147, 2018.

ROJO, Roxane. Caminhos para a LA: Política linguística, política e globalização. *In*: NICOLAIDES, Christine; SILVA, Kleber Aparecido; TÍLIO, Rogério; *et al* (Orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores/ALAB, 2013, p. 63-78.

SÁ, Rubens Lacerda. Içando as velas: uma jornada pro Educ-ação. *In*: SÁ, Rubens Lacerda; SOUZA, Ester Maria Figueiredo; CRUZ, Giêdra Ferreira (Orgs.). Educação crítica de profissionais da linguagem para além-mar: políticas linguísticas, identidades, multiletramentos e transculturalidade. Campinas: Pontes Editores, 2016a, p. 7-12.

SÁ, Rubens Lacerda. **Imigração Boliviana em Mares Paulistanos Dantes Navegados Inclusão dos (In)visíveis e (Des)construção Identitária**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2016b.

SÁ, Rubens Lacerda. Imigrantes hispano-americanos, (Inter)culturalidade crítica e língua portuguesa. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v. 10, n. 1, p. 63-73, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/real.v10i1.1826>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SÁ, Rubens Lacerda. Grounded Theory e os Estudos de Linguagem: uma releitura. **Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/2.1373.1-15>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SÁ, Rubens Lacerda. **Internacionalização, hospitalidade e ideologia**: Por um protocolo de acesso, acolhimento e acompanhamento. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2020.1128725>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SÁ, Rubens Lacerda. Ética, decolonialidade e migração à luz do pensamento freireano. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 47, p. 44-65, 2021a. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i47.8739>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SÁ, Rubens Lacerda. Grounded Theory em Diálogo Transdisciplinar com os Estudos de Linguagem. *In*: PAIVA, Francisco Jeimes Oliveira; SILVA, Edu Dias da (Orgs.). **Estudos da**

Linguagem: Interfaces na linguística, semiótica e literatura em perspectiva. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2021b, p. 11-32.

SÁ, Rubens Lacerda. Dall'Etica della cura all'Ospitalità incondizionata: Per una filosofia della migrazione. **Pedagogia più Didattica**, v. 9, n. 1, p. 4-21, 2023a. Disponível em: <https://doi.org/10.14605/PD912301>. Acesso em: 14 jul. 2023.

SÁ, Rubens Lacerda. **Internacionalização, hospitalidade, ideologia**. 1. ed. [s.l.]: Editora Diálogos, 2023b. Disponível em: <https://doi.org/10.52788/9786589932727>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. Trad. Daisy Vaz Moraes. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Esdras Vitor Samuel Elói; NASCIMENTO, Isabel Mecias. **Suicídio, Literatura e decolonialidade**: Por um olhar cronotópico e exotópico. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Cubatão, SP, 2021.

SCHÖNHUTH, Michael; KIEVELITZ, Uwe. Métodos participativos de diagnóstico y planificación en la cooperación al desarrollo: diagnostico rural rápido, diagnostico rural participativo: Una introducción comentada. **Eschborn**: GTZ, 1994. (Schriftenreihe, 244).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Isadora Lima Santana. **A representação do cabelo da mulher negra no facebook**: ideologias que promovem colonialidades e exclusão social. Cubatão, SP: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 2022.

TAYLOR, Dianna; FOUCAULT, Michel (Orgs.). **Michel Foucault**: key concepts. London New York: Routledge, 2014.

TORRES, Jungley. Entre a Floresta Negra e a América Latina: da hermenêutica à decolonialidade. **Kairós**, v. 19, n. 1, p. 146-161, 2023.